

A Quarta Onda de Imigrantes Brasileiras e Brasileiros em Portugal: Redes, Classe Social e Gênero em Evidência nas Relações de Trabalho

The Fourth Wave of Brazilian Immigrants in Portugal: Networks, Social Class and Gender in Evidence in Labor Relations

Andrea Poletto Oltramari

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

andreaoltr@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5897-2772>

Laura Alves Scherer

Universidade Federal do Pampa

lauralvescherer@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1803-3014>

Aline Mendonça Fraga

Universidade Federal do Paraná

alinemf.adm@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4240-464X>

João Peixoto

Universidade de Lisboa

jpeixoto@iseg.ulisboa.pt

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8321-3420>

Duval Magalhães Fernandes

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

duvalfernandes@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2448-8277>

RESUMO

A presente pesquisa objetivou compreender como se apresenta a quarta onda de imigrantes do Brasil para Portugal e suas relações de trabalho. O quadro teórico adotado baseou-se em: a) panorama sobre migração internacional; b) mercado de trabalho para imigrantes e flexibilização laboral; c) marcadores sociais de diferença em contextos migratórios. A pesquisa, de cunho qualitativo, realizou entrevistas semiestruturadas com 37 brasileiros e brasileiras e observação-participante em associações de acolhimento. A análise dos dados contou com a análise de conteúdo. Emergiram quatro grupos de imigrantes, tendo como base tipo de registro de entrada no país, formação e trabalho, os quais foram analisados com base em três categorias: redes, classe e gênero. Os principais resultados apontam características que aprofundam as análises sobre a quarta onda e para a relevância de abordagens interseccionais no campo das migrações.

Palavras-chave: Migração; Brasileiros; Redes; Classe; Gênero.

ABSTRACT

The present research aimed to understand how the fourth wave of immigrants from Brazil to Portugal is presented and their labor relations. The theoretical framework adopted was based on: a) overview of international migration; b) labor market for immigrants and labor flexibility; c) social markers of difference in migratory contexts. The qualitative research carried out semi-structured interviews with 37 Brazilians and participant observation in host associations. Data analysis relied on content analysis. Four groups of immigrants emerged, based on the type of entry registration in the country, education, and work, which were analyzed based on three categories: networks, class, and gender. The main results point to characteristics that deepen the analysis of the fourth wave and point the relevance of intersectional approaches in the field of migrations.

Keywords: Migration; Brazilians; Networks; Class; Gender.

Introdução

No Brasil, novos fluxos imigratórios têm chamado a atenção por suas particularidades. Os dados do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas (UN/DESA) apontam que o número de emigrantes, ou seja, pessoas que saem do país, ainda supera o de imigrantes, os que entram no país. Em 2019, havia o registro de 1.7 milhão de brasileiros vivendo no exterior, o que correspondia a 0,81% da população (UN/DESA, 2019a). Em Portugal, no mesmo ano, havia 888,2 mil imigrantes (8,7% do total de residentes) e deste total, em torno de 136 mil eram brasileiros (UN/DESA, 2019b). A expressividade deste fluxo posiciona o Brasil como o segundo país com maior número de imigrantes em Portugal, atrás apenas da Angola, conforme a UN/DESA (2019b).

O Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF, 2021) traz outra perspectiva ao apontar que a maioria dos imigrantes em Portugal é brasileira, sendo que as concessões de títulos legais aumentaram de 5.716, em 2015, para 48.796 em 2019 (Fernandes et al., 2021). Em 2020, 183.993 brasileiros entraram em território nacional português (27,8% do total de imigrantes) e em 2021, esse número aumentou para 200.072, representando 29,2% do total de imigrantes em território português (SEF, 2021). Considerando o número de brasileiros nas mais diversas cidades portuguesas, o SEF (2021) revela que em 2021 havia 77.110 em Lisboa; 27.496 na cidade do Porto; 24.907 em Setúbal; 17.496 em Faro; e 12.950 no município de Braga.

Importante apontar para as diferenças nas metodologias entre as fontes de dados estatísticos. Enquanto os dados da UN/DESA se referem a pessoas nascidas em países estrangeiros (ou seja, referência para *country of birth*, em inglês), o SEF se refere a estrangeiros em geral, sem considerar o país de nascimento (nesse caso, *country of citizenship*, em inglês). Nesse sentido, são dados que incluem os muitos portugueses nascidos em Angola, no período colonial, bem como imigrantes angolanos que já adquiriram dupla nacionalidade.

Estudos sobre a imigração brasileira em Portugal já possuem uma trajetória temporal e contextual sólida. Destacam-se, dentre tantos, Fernandes et al. (2021), França e Padilla (2018), Góis (2009), Machado (2007), Malheiros (2007), Malheiros e Padilla (2015), Nunan e Peixoto (2012), Padilla (2006b) e Peixoto (2008). Em linhas gerais, tem-se: a primeira onda, que diz respeito ao período anterior a 1990 e tem como principal característica a inserção de trabalhadores qualificados em segmentos formais do mercado de trabalho português; b) a segunda onda, após 1990, que foi composta por brasileiros com pouca escolaridade, majoritariamente homens, inseridos, sobretudo nos serviços pessoais e construção civil; e c) a terceira onda, ocorrida na virada do século crescendo até 2011, aproximadamente, que seguiu o mesmo padrão da segunda, entretanto, com o aumento da imigração de mulheres. Salienta-se que depois da crise econômica mundial, iniciada em 2008, segue-se a intervenção da *troika* (resgate financeiro) em Portugal, entre 2011 e 2014. Só depois começa o que podemos chamar “quarta onda” – que vai terminar com a pandemia (Fernandes et al., 2021), foco deste estudo.

Percebe-se que período e motivo de imigração, escolarização da pessoa imigrante, nível de qualificação do cargo de trabalho ocupado e setor de atuação

formam o mosaico das principais características referentes às ondas migratórias. Adicionalmente, importante acrescentar que os motivos da migração variam, a depender da onda migratória: desde migração a trabalho, política, violência e estilo de vida, por exemplo.

Considerando que as ondas já pesquisadas correspondem a aproximadamente três décadas de imigração e que a última teve início na virada do século, aponta-se a lacuna de investigação dos anos subsequentes, em particular a partir de 2015, sobretudo em movimentos relacionados com o mercado de trabalho. No ensejo de dar continuidade aos estudos, o objetivo deste artigo é compreender como se apresenta a quarta onda de imigrantes brasileiros para Portugal – que consideramos como aquela que teve lugar entre 2015 e 2020 – e suas relações de trabalho.

Nesse sentido busca-se trazer para o foco não somente as principais características referentes às ondas migratórias já estudadas, mas também a dinâmica combinação de elementos que se manifesta nas relações de trabalho. Entende-se que as relações de trabalho perpassam pelas redes estabelecidas por imigrantes e pela influência de marcadores sociais de diferença (Dias, 2007; Faist, 2014; Fraga & Rocha-de-Oliveira, 2020), que compreendem, nesse texto, classe, gênero e redes – categorias que emergiram a posteriori nas análises dos resultados. Ademais, a inversão do cenário econômico que evidenciou uma crise brasileira e a recuperação portuguesa a partir de 2015, depois de terminado o período de resgate financeiro (França & Padilla, 2018); a crescente feminização dos fluxos migratórios (Fraga & Rocha-de-Oliveira, 2020; Haas et al., 2020) e as transformações no mundo do trabalho – quanto à difusão da informalidade, da automação, do trabalho autônomo e da *gig economy* (Donini et al, 2017), também são fatores que sugerem novidades na investigação dos fluxos migratórios de brasileiros para Portugal.

Referencial teórico

A fim de apresentar as características dos movimentos migratórios; a estrutura do mercado de trabalho para imigrantes e as diferenças de acesso a oportunidades de trabalho, o referencial teórico é organizado a partir de três eixos: a) um panorama sobre a migração internacional; b) o mercado de trabalho para imigrantes e a flexibilização laboral; e, por fim, c) marcadores sociais de diferença em contextos migratórios.

Um panorama sobre migração internacional

“A Era das Migrações”, título de um clássico do tema, de Haas et al. (2020) aborda, entre outros assuntos, o crescimento do aspecto político para olhar a migração. Castles (2010) pontua a contradição com que governantes olham para o fenômeno de movimentos migratórios. O que deveria ser encarado como parte de uma compreensão intrínseca do desenvolvimento humano, é percebido como um problema por governantes e pela opinião pública.

Migração é – e deve ser vista – como indissociável das relações sociais. De tal modo, vários movimentos de migração emergem em busca de novos estilos de vida, como migrar aposentadoria ou uma demissão, em razão de casamentos e

relacionamentos afetivos. Lado a lado, ocorrem as migrações por trabalho, conflito, pobreza e degradação ambiental. A amplitude e dinamicidade das modalidades e motivos de migração dificultam seu acompanhamento e sua análise teórica (Silva et al., 2017), bem como compõem um cenário de fluxos migratórios mistos.

Para King e Lulle (2016), o movimento migratório hoje está tão mais diversificado que no passado. Segundo os autores, urge estudar novas questões no movimento migratório que vão além da tipologia de Fielding (1992), que aponta: entradas não restritas; migração a trabalho; entrada permitida (gestores e gestoras de multinacional, por exemplo); entradas seletivas (para união familiar); entradas proibidas. Os países em desenvolvimento costumam estudar o movimento migratório pela pobreza. Castles (2010) apontava, há mais de dez anos, para a necessidade de mudar a lupa com que se olha o movimento migratório, para além do fator econômico. Migração é, portanto, uma mudança de expressão social. Por fim, o autor ainda se refere à importância de novas abordagens metodológicas para analisar o fenômeno da migração (Castles, 2010).

Há, portanto, novas geografias e novas temporalidades em evidência para pensar novos estudos em migração, configurando no que Castles (2010) chama de mix de migração. Destacam-se, como tendências, a ampliação dos efeitos migratórios nos países, como as reconfigurações do mundo do trabalho e alterações nos regimes de emprego, saúde pública e previdência social; as mudanças nos fluxos migratórios (Sul-Sul, por exemplo) e a feminização das migrações (Haas et al., 2020).

Dessa forma, diante da complexidade que se estabelece a pensar os movimentos migratórios e de sua, por vezes, difícil e heterogênea inserção laboral no país de destino, o próximo item tem o objetivo de apresentar também reflexões sobre os tensionamentos que se estabelecem entre movimento migratório e inserção no mercado de trabalho.

O mercado de trabalho para imigrantes e a flexibilização laboral

A obra de Massey et al (1998), referência sobre as migrações internacionais, relembra dois segmentos principais a respeito do mercado de trabalho já apresentados por Piore (1979): (i) um mercado primário, com estabilidade das condições de emprego, bons salários, perspectivas de carreira, proteção e *status* social; e (ii) um mercado secundário, composto por empregos com insegurança contratual, baixos salários, poucas oportunidades de promoção, ausência de proteção social e baixo status social.

Complementar à Massey et al (1998), o glossário da Organização Internacional para as Migrações (OIM, 2019), classifica o trabalhador migrante conforme qualificação e consequente propensão à inserção no mercado de trabalho: (i) o trabalhador migrante com baixa qualificação, cujo nível de educação, experiência ocupacional ou qualificações o torna elegível para praticar apenas uma ocupação com qualificação tipicamente baixa; (ii) o trabalhador migrante qualificado, que possui o nível de qualificação e especialização adequado para executar as tarefas e deveres de um determinado trabalho; e (iii) o trabalhador imigrante altamente qualificado, que obteve, por educação superior ou experiência ocupacional, o nível de habilidade ou qualificações normalmente necessárias para praticar uma ocupação altamente qualificada.

Se esses conceitos estão bem estabelecidos desde os anos 1970 do século passado, a complexidade do mercado de trabalho tem vindo a aumentar. Em relação à coexistência das migrações qualificadas e de baixa qualificação, a tendência global aponta para um maior contraste entre a precarização do trabalho, por um lado, e a mobilidade de cérebros, por outro (Candeias et al., 2014; Lopes & Costa, 2021; Villen, 2018). Embora os movimentos migratórios da atualidade sejam mistos (Silva et al., 2017), e contemplem pessoas de níveis de qualificação distintos, a força de trabalho imigrante dos países ricos se concentra frequentemente na subcontratação, no trabalho ocasional, informal ou terceirizado. Tal é o exemplo dos serviços de cozinha e em restaurantes, do trabalho doméstico e do cuidado de pessoas, estes últimos recaindo para imigrantes mulheres (Bradby et al, 2019). Hirata (2020) aponta para a crescente mercantilização do trabalho do cuidado, pouco valorizado, com oferta de baixos salários, sem vínculo empregatício e na informalidade. Imigrantes, sobretudo pouco qualificados, são inevitavelmente atraídos para esse tipo de atividade, muitas vezes, o único caminho possível para afastar-se da completa vulnerabilidade socioeconômica no país de destino.

Paralelo a esse movimento, também surgem novas formas de trabalho e novos movimentos, como a *gig economy* e o mercado de trabalho digital (Donini et al, 2017; Gandini, 2019). Como os movimentos de trabalho dos imigrantes são entrelaçados com as transformações do trabalho, as tecnologias aumentam a gama de possibilidades de redes de clientes, contratantes, fornecedores, parceiros e demais contatos que podem vir a gerar oportunidades de trabalho futuras. Entretanto, há que se chamar a atenção de que nem sempre essas oportunidades se apresentam com trabalhos seguros e estáveis. É o caso dos entregadores de comida por aplicativos em Portugal, por exemplo. Em estudo recente, Oltramari et al. (2022) relataram alta precarização no trabalho desse grupo ocupacional, tais como: intensidade do trabalho; baixa remuneração; ausência de vínculo contratual e descanso semanal remunerado; exposição a intempéries do tempo, esforço físico excessivo e violência xenofóbica, ou seja, características que dizem de perda da saúde e integridade humana.

Especificamente sobre o mercado de trabalho para imigrantes em Portugal, vem de longa data a abundante procura por trabalhos, em geral, precários, mal pagos e informais, em especial na construção civil, hotelaria, alimentação e serviço doméstico (Peixoto, 2008). Alguns desses setores concentram a participação de mulheres, destacando a feminização dos fluxos migratórios (Fraga & Rocha-de-Oliveira, 2020; Haas et al., 2020). Nos últimos anos, a recuperação da economia portuguesa após a crise financeira de 2011-2014 se baseou no setor do turismo, oportunizando novos postos de trabalho. A pandemia provocada pelo novo coronavírus Covid-19 viria interromper esse crescimento.

Uma vez que a inserção laboral é distinta confirma características individuais de implicações coletivas, como gênero, raça e etnia, o eixo teórico seguinte apresenta alguns estudos que abordam marcadores sociais de diferença e seus cerceamentos e amplitudes nas trajetórias profissionais.

Marcadores sociais de diferença em contextos migratórios

Os acessos às oportunidades de trabalho sejam formais, informais, qualificadas ou não qualificadas variam conforme se configuram marcadores sociais de diferença, tais como idade, gênero, etnia, raça, classe, origem social, dentre outros (Fraga & Rocha-de-Oliveira, 2020). Nesse sentido, como sugere Hirata (2016, 2018, 2020), é possível colocar um desses marcadores como centro de análise (gênero, por exemplo) e discutir a imbricação entre precarização, flexibilização e relações de trabalho para mulheres e homens.

As possibilidades de inserção e permanência no mercado de trabalho dependem de contextos sócio-históricos (Fraga & Rocha-de-Oliveira, 2020) e estão intimamente ligadas aos estudos acerca da migração, quer seja regional, nacional ou internacional. As dificuldades enfrentadas no país de destino são intensificadas e geralmente restritas quando se é mulher (Fraga et al., 2020; Wasserma & Frenkel, 2015). Do ponto de vista da feminização das migrações internacionais, em Portugal (Fernandes et al., 2021) e há canais específicos de entrada no mercado de trabalho para mulheres, sobretudo nas áreas de cuidado e saúde (Hirata, 2016, 2018, 2020). Essas barreiras para inserção laboral em áreas de maior prestígio e/ou remuneração são decorrentes da divisão sexual do trabalho. Em específico, oportunidades surgem em áreas de trabalho relacionadas com o cuidado (Hirata, 2020), a estética (Malheiros & Padilha, 2015) e o corpo (França & Oliveira, 2021), que costumam carregar estigmas sociais e ofertar possibilidades de ascensão social reduzidas. Fraga e Rocha-de-Oliveira (2020) compreendem as mobilidades profissionais de mulheres como labirintos, nos quais saídas recompensadoras são escassas. Assim, marcadores sociais interseccionados, como classe, gênero, etnia e regionalidades são potentes no que tange a constituição de barreiras para migrantes (Fraga & Rocha-De-Oliveira, 2020; Hirata, 2014, 2018; Scherer & Prestes, 2019; Scherer et al., 2022; Souza, 2010, 2018).

Para Souza (2010) a classe social é constituída por fatores além dos rendimentos. O que caracteriza os grupos de indivíduos em classes são os estilos de vida, os valores imateriais nos processos de socialização, tais como fatores e pré-condições sociais, familiares, emocionais, afetivas, morais e culturais. Dentre as divisões propostas pelo autor em uma leitura da sociedade brasileira, tem-se a nova classe média, a qual ele denomina como os batalhadores, e a classe média alta, a qual ele denomina como a elite brasileira (Souza, 2010, 2018). Scherer e Prestes (2019) argumentam que o mercado de trabalho para imigrantes e refugiados em território brasileiro diz de um lugar de classe ocupado, já que é notável a precarização, baixa qualificação e baixos salários em seus postos de trabalho.

Sobre redes e a sua relação com o trabalho de migrantes, deve-se considerar que os movimentos migratórios têm o poder de movimentar, igualmente, a estrutura social como um todo (Castles, 2010). A partir do uso potencial e heterogêneo das redes (Dias, 2007), as relações sociais e a demografia de um país, bem como a (re) organização das relações de trabalho e de *networking*, podem ser (re)configuradas a partir da rede de amigos e familiares mobilizada por imigrantes (Iorio & Pereira, 2018).

Metodologia

Com o objetivo de compreender como se apresenta a quarta onda de imigrantes brasileiros em Portugal e suas relações de trabalho, realizou-se uma pesquisa qualitativa e exploratória. A coleta de informações contou com duas técnicas. A primeira foi a observação-participante, iniciada em janeiro de 2019 e finalizada em janeiro de 2020, na cidade de Lisboa, em associações de acolhimento de brasileiros: a Casa do Brasil de Lisboa (<https://casadobrasilidelisboa.pt>) e a organização ativista Casa Ninja Lisboa (<http://casaninjalisboa.org>). Das visitas, conversas e participações em reuniões foram produzidas anotações de campo com falas e observações (Minayo et al., 2011). Fez parte do roteiro de observação-participante: participar das reuniões de acolhimento, realizar conversas informais com voluntários e voluntárias das associações e com imigrantes que se dirigiam a esses locais para buscar informações; conseguir acesso a dados sobre imigrantes brasileiros e brasileiras e identificar informantes-chave.

Em uma das ocasiões, realizou-se entrevista não estruturada, com perguntas abertas à presidente da CBL. A outra técnica foi a de entrevista, baseada em roteiro semiestruturado. O roteiro contava com alguns itens, tais como: a) trabalho no Brasil; b) vida e família no Brasil; c) processo de imigração; d) trabalho em Portugal; e) recursos financeiros para o processo de imigração; f) vida e família em Portugal; g) situação profissional do entrevistado; h) reflexões finais do entrevistado. Cada item continha, em média, de 5 a 10 perguntas estruturadas. Participaram das entrevistas 37 brasileiros e brasileiras – entre janeiro e setembro de 2019. As entrevistas tiveram duração média de uma hora e foram realizadas em local de preferência de cada participante. O grupo pesquisado migrou após 2015, caracterizando a quarta onda. À época das entrevistas, residiam há pelo menos um ano em Lisboa ou arredores (Setúbal, Oeiras, Cascais e Sintra). Pela técnica de bola de neve (Vinuto, 2014), cada participante indicava contatos da sua rede. A Tabela 1 apresenta o perfil das pessoas entrevistadas, identificadas por nomes fictícios.

Cabe ressaltar que algumas pessoas entrevistadas não estavam no mercado de trabalho no momento da coleta, mas a maioria está (ou esteve). Esta seleção serve para diferenciar esta pesquisa de outros estudos que tiveram como foco categorias específicas como, por exemplo, estudantes (Iorio & Pereira, 2018).

Tabela 1 - Participantes da pesquisa

Nome	Idade	Sexo	Ano que migrou Portugal	Motivos da imigração	Trabalho atual	Grupo	UF	Formação no Brasil
Amélia	33	F	2017	Trabalhar	Gerente em restaurante de sushi	2	RS	Produção fonográfica
Camile	40	F	2018	Trabalhar e fazer mestrado	Agência publicidade	2	RS	Publicidade e Propaganda
Carolina	23	F	2015	Estudar e trabalhar	Estagiária	2	RJ	Estudos artísticos
Paula	55	F	2018	Trabalhar, empreender e aproveitar aposentadoria brasileira	Venda de artesanato	2	RJ	Estudos artísticos

Ana Maria	31	F	2017	Trabalhar e mestrado	Atendente em bares	2	MG	Artes cênicas
Melissa	44	F	2018	Trabalhar	Analista de recursos humanos em empresa e psicóloga	1	RS	Psicóloga
Halana	31	F	2017	Trabalhar	Publicitária em agência	1	RS	Publicitária
Roberta	27	F	2017	Trabalhar	Publicitária em agência	1	RS	Publicitária
Julia	29	F	2018	Trabalhar	Curadoria musical	1	RS	Jornalista
Graziela	29	F	2018	Trabalhar	Design digital	1	RS	Designer Visual
Denise	58	F	2016	Trabalhar	Concierge Airbnb	2	SP	Produtora de moda
Franciele	30	F	2018	Trabalhar	Cabeleireira	2	RJ	Psicóloga
Vilmari	45	F	2019	Trabalhar	Médica	4	RS	Médica
Pietra	53	F	2016	Trabalhar e empreender	Cabeleireira	3	MG	Cabeleireira
Vilmar	23	M	2017	Trabalhar e estudar	Engenharia de software	1	PR	Engenheiro de Software
Marcia	23	F	2017	Trabalhar e estudar	TI	1	GO	Analista de Sistemas
Mariele	27	F	2017	Trabalhar e estudar	Analista de marketing	1	MG	Administradora
Andrea	54	F	2018	Aposentada	Em busca de trabalho	4	RS	Administradora
Elísio	55	M	2019	Trabalhar	DJ e produtor musical	1	RS	Produtor musical
Volberto	32	M	2016	Empreender	Tem um café	2	SP	Letras
Julio	55	M	2016	Trabalhar	Motorista de caminhão	2	RJ	Engenheiro Ambiental
Mauro	25	M	2017	Trabalhar	Auxiliar em gráfica	2	SP	Designer
Nedisson	23	M	2017	Estudar com bolsa Erasmus e trabalhar	Moderador conteúdo web	2	RS	Jornalista
Carlos	25	M	2017	Mestrado em Direito	Instrutor de italiano e inglês	2	BA	Advogado
Mirela	25	F	2016	Mestrado em Direito	Em busca de trabalho	2	RS	Advogada
Andrei	27	M	2015	Mestrado em Administração. Foi demitido no Brasil	Consultor de projetos	1	MG	Administrador
Tulio	28	M	2017	Trabalhar	Professor em escola infantil	2	RJ	Geógrafo
Rosa	32	F	2017	Trabalhar	Fotógrafa		SP	Publicitária
Gustavo	50	M	2015	Trabalhar	Recepcionista em hotel	3	PE	-
Marcio	28	M	2017	Mestrado em Antropologia e trabalhar	Instrutor de jiu-jitsu	2	SP	Comunicação
Monalisa	28	F	2017	Mestrado em Antropologia	Auxiliar de escritório	2	SP	Artes Cênicas
Andressa	35	F	2018	Trabalhar com moda	Aplicação de reiki	3	RS	-
Mariana	48	F	2019	Trabalhar com produção musical	Produtora musical	3	RS	-

Vitória	28	F	2016	Trabalhar e estudar	Arquiteta em indústria e construção civil	1	SC	Arquitetura
André	35	M	2017	Trabalhar	Atendente em cafeteria	2	RS	Jornalismo
Renata	29	F	2015	Trabalhar	Serviços gerais em sushi bar	2	MG	Arquitetura
Alice	34	F	2016	Trabalhar	Teletrabalho para empresa da família no Brasil	2	PB	Administração
Denise	30	F	2018	Trabalhar e morar com os pais que também migraram	Atendente em restaurante vegano	2	RS	Publicitária

A análise e tratamento do material empírico seguiu orientações da análise de conteúdo de Minayo et al. (2011) e de Bardin (2010). De posse da transcrição das falas e do material das anotações do diário de campo, iniciou-se uma codificação e ordenamento e dos principais elementos que dissessem das relações de trabalho contidos no campo de estudo. Sistematizamos o material e passamos a articular com os conceitos trabalhados na revisão de literatura e a partir dos dados obtivemos as categorias a posteriori que perpassam as relações de trabalho: redes, classe e gênero. Dos relatos dos entrevistados e das anotações de campo buscamos desvelar códigos sociais, aproximações e distanciamentos que dissessem da lógica peculiar e interna do grupo em estudo. Após o ordenamento e classificação dos dados, realizou-se a análise à luz da teoria.

Análise e discussão dos resultados

Como resultados, destacamos quatro grupos de trabalhadores imigrantes que mostram a heterogeneidade da quarta onda de brasileiros em Portugal. Todos os grupos são atravessados por categorias de análise relativas às relações de trabalho e, por isso, são analisadas conjuntamente. Para tanto, a análise a seguir apresenta características dessa heterogeneidade e está organizada da seguinte forma: primeiramente apresentamos a seção a) brasileiras e brasileiros em Portugal: as migrações mistas na contemporaneidade; b) primeira categoria: redes; c) segunda categoria: classe e d) terceira categoria: gênero.

Brasileiras e brasileiros em Portugal: as migrações mistas na contemporaneidade

Embora haja muitas convergências entre os elementos característicos do grupo de pessoas entrevistadas, há também algumas divergências que chamam a atenção, o que acompanha a ideia de que a atualidade é marcada por fluxos migratórios mistos (Silva et al., 2017). Para compreender como se apresenta a quarta onda de imigrantes brasileiros em Portugal e suas relações de trabalho, foram mapeados os elementos relativos ao tipo de registro de entrada no país, formação e trabalho dos entrevistados. Emergiram quatro grupos:

Grupo 1 – Imigrantes com qualificação, que atuam na sua área de formação – brasileiros e brasileiras que entraram na Europa por terem cidadania europeia,

principalmente italiana. Este é o caso de onze imigrantes com ensino superior que trabalham com contrato formal na sua área de formação. Por terem ensino superior foram considerados com qualificação. São jovens entre 25-30 anos, em início de carreira. Seus pais continuam no Brasil e apresentam traços que os caracterizam como filhos e filhas da elite econômica ou da classe média (Souza, 2018).

Grupo 2 – Estudantes e/ou trabalhadores e trabalhadoras com qualificação na prévia, mas que passam por desqualificação no destino, ou seja, não atuam na área de formação – são brasileiros e brasileiras com permissão legal para residirem em Portugal ou que aguardam autorização de residência. É o caso de vinte imigrantes com ensino superior ou com habilidades técnicas-profissionais não formalizadas. Não trabalham na sua área de formação ou conhecimento e não precisavam, a época das entrevistas, de formação específica para exercerem seu trabalho. Tal característica segue o glossário da OIM (2019) onde pontua que muitos migrantes possuem nível adequado para ocupar funções qualificadas, mas não ocupam, estabelecendo-se no que Piore (1979) já apontava como o mercado de trabalho secundário, ou aquele composto por empregos com insegurança contratual, baixos salários, poucas oportunidades de promoção, ausência de proteção social e baixo *status* social. Apresentam traços da nova classe média brasileira, que Souza (2010) denomina de batalhadora. Por batalhadores e batalhadoras entendemos trabalhadores e trabalhadoras em condições muitas vezes perversas de trabalho, noção de dignidade e uma vontade concreta de vencer na vida. Tal nomenclatura é dada por Souza (2010) ao estudar profissionais do *telemarketing*.

Grupo 3 – Trabalhadores e trabalhadoras que atuam em campos tanto precarizados quanto não precarizados – brasileiros e brasileiras que entraram em Portugal com visto de estudante (graduação, mestrado e doutorado). É o caso de quatro imigrantes que atualmente investem em formação/qualificação acadêmica e profissional e, concomitantemente, buscam por trabalho na sua área de formação. Eventualmente, atuam em novas modalidades de trabalho (Donini et al, 2017; Gandini, 2019) que emergem na *gig economy* (ex.: limpeza, *freelancers* em aplicativos). Estar na escola ou na universidade confere certo senso de segurança, estabilidade e *status*. Esse grupo também apresenta traços da nova classe média brasileira, a batalhadora, conforme Souza (2010). Também se associam ao mercado de trabalho secundário (Piore, 1979).

Grupo 4 – Imigrantes altamente qualificados que atuam na sua área de formação – brasileiros e brasileiras que entraram em Portugal com cidadania europeia ou aguardam visto de residência. É o caso de duas imigrantes com ensino superior que trabalham na sua área de formação e/ou aguardam validação de diploma. Têm idade acima de 45 anos, com experiência em profissões consideradas tradicionais e bem remuneradas (medicina, advocacia). Migraram para Portugal buscando uma vida melhor para os filhos, vivem de renda do Brasil e residem em zonas nobres de Lisboa, traços que caracterizam a classe média e a elite brasileira (Souza, 2018) e compõem o perfil de imigrantes altamente qualificados (Yu, 2019). A principal diferença entre o grupo um e o quatro é a idade. O primeiro corresponde a jovens em início de carreira e o último a profissionais com carreira já consolidada. Podemos inserir tal grupo no que Piore (1979) intitulou de mercado de trabalho primário, ou seja, com

estabilidade das condições de emprego, bons salários, perspectivas de carreira, proteção e *status* social.

Em geral, o grupo de participantes da pesquisa são imigrantes que tentam pela primeira vez se estabelecer no exterior e elegem Portugal pela facilidade de ter o português como idioma. O tipo de registro de entrada (visto ou solicitação de residência) tem relação com o tipo de trabalho e com a inserção profissional de imigrantes brasileiros e brasileiras. Aqueles e aquelas imigrantes que possuem cidadania europeia tiveram a inserção laboral facilitada especialmente pela rede de contatos que já tinham no país, reiterando os resultados de outros trabalhos que também mostraram a importância das redes para a inserção e manutenção no país de destino (Fernandes et al., 2021). Relatam que a cidadania não auxilia diretamente na inserção, mas é possível perceber que ser cidadão da Europa evita trâmites burocráticos relativos à contratação em empresas ou trabalho como autônomo. Evita, ainda, procedimentos legais como a espera para visto de residência, cidadania ou naturalização, momento almejado por brasileiros e brasileiras.

Em relação à qualificação profissional, destaca-se que boa parte tem ensino superior completo ou em andamento e há também quem está estudando em Portugal como uma estratégia para inserção laboral e aquisição de capital social (Iorio & Pereira, 2018). As estratégias de inserção profissional dizem da busca por convergência linguística, qualificação acadêmica, rede de contatos, realização de trabalho voluntário e horas extras no emprego. No entanto, destaca-se um enviesamento da amostra – justificado pela rede de acessos e indicações realizadas pelo próprio grupo – uma vez que nem todas as pessoas da quarta onda tinham ensino superior (Fernandes et al., 2021). O grupo entrevistado foi o que tivemos facilidade de contato e que se disponibilizou a conceder as entrevistas.

Primeira categoria: redes

Redes são ligações heterogêneas e não uniformes que devem estar ativas (Dias, 2007) para apresentarem resultados favoráveis a imigrantes. São mediações e produtoras de um novo espaço (Lencioni, 2010; França & Oliveira, 2021), tanto materiais quanto imateriais ou simbólicas, auxiliando imigrantes a enfrentarem dificuldades no país de destino.

As redes informais são essenciais para a manutenção de imigrantes do Brasil em Portugal, em especial para os grupos dois e três, que relataram não confiar na rede formal de brasileiros e brasileiras, por vezes marcada pela exploração, mesmo que as redes sejam essenciais para a inserção laboral e regularização (Padilla, 2006a). Ao mesmo tempo, também referem que buscam a rede espontânea de apoio e principalmente de afeto. Quando as redes relativas mais próximas se mostram ineficazes, mobilizam outras redes menos próximas, tal como o estudo de Scherer et al. (2022) anunciou. Para ilustrar, Mauro (25 anos) relata:

[...] não tinha dinheiro para a passagem aérea e meu cartão de crédito não autorizava a compra da passagem. Aí pedi para minha ex-sogra me ajudar, que também não tinha. Aí acionamos um amigo dela para ajudar a comprar e emprestar o cartão de crédito dele (Mauro).

Importante mencionar que observamos também que a inversão do apoio é geralmente possível, quando, por exemplo, aquele que solucionou um problema anterior relativo à migração pode ser o próximo a reativar a rede e solicitar apoio. Os agentes de mobilização ocupam esse *status* devido a qualidades imateriais, ou seja, a sentimentos de amizade, empatia, confiança, sentimentos esses tão importantes de serem engendrados tanto na partida quanto na chegada e que se revelaram em outros estudos também (Scherer et al., 2022). Enfim, configura-se, desse modo, o que Dias (2007) refere sobre o uso potencial das redes e sua heterogeneidade: elas podem engendrar capitais sociais importantes para manutenção no país de destino.

Uma importante rede de acolhimento é a Casa do Brasil de Lisboa (CBL) primeira associação de migrantes brasileiros em Portugal, fundada em 1992. A associação tem três pilares: ativismo, em especial na busca por regularização de um maior número possível de brasileiros em Portugal e acesso à moradia digna, investimentos em cultura brasileira e a bandeira atual de maior luta, a de igualdade de gênero, combate à xenofobia e ao assédio moral. Em observação participante em um dos seminários na Casa do Brasil de Lisboa (CBL) uma anotação no diário de campo reitera essa importância e acolhimento para brasileiros que sofrem com a solidão:

Hoje, na sessão de arrendamento, pude perceber a coletividade de brasileiros para fazer frente a um dos maiores problemas em Lisboa e arredores: a questão da moradia, tanto para portugueses quanto para brasileiros. No caso dos brasileiros, a exploração começa no arrendamento, porque devem comprovar às autoridades fiscais que têm moradia, mas o dono do quarto ou da casa não emite recibo e nesse momento começam as animosidades com os proprietários, podendo se intensificar ao longo do tempo que residem em suas propriedades. Uma brasileira relata que em menos de um mês já tinha mudado duas vezes de moradia (Diário de campo, observações na CBL, 2020).

É pelas redes que se resolvem também os problemas de moradia. Além da xenofobia, coletivamente vivenciada, mulheres enfrentam o estigma do corpo-objeto (França & Padilla, 2018), vivenciando discriminações ou constrangimentos durante a negociação de imóveis, por exemplo. Redes solidárias entre brasileiros e, especialmente, para as brasileiras, ajudam tanto a encontrar alojamentos quanto a atestar e fazer frente ao preconceito, a partir de rede de conhecidos entre portugueses. Estudos anteriores, tal como o de França e Oliveira (2021), apresentam a importância das redes e dos espaços coletivos como um importante local (seja virtual ou presencial) de denúncia dos relatos de xenofobia, assédio moral e sexual. Amélia (33 anos) relatou um episódio triste e contou-nos chorando:

Quando eu e meu marido dissemos que éramos brasileiros, a dona do imóvel disse que o preço havia tanto aumentado quanto já havia outros interessados pelo imóvel. A gente ficou sem casa por vários dias e precisamos acionar um amigo para nos abrigar na sala de sua casa (Amélia).

Isso nos leva a considerar duas relações de mediação entre imigrantes e agentes das redes: contato e suporte. Agentes de contato são aquelas pessoas que utilizam seu capital social e informacional para colaborar com imigrantes (ex.: indicam um lugar, uma pessoa), mas não se mobilizam, ou seja, a responsabilidade de ir adiante fica a encargo de quem imigrou (ex.: “vi uma placa de contrata-se na loja da esquina,

podes ir lá”). Considerando que o foco de nossa pesquisa é trabalho, agentes de suporte são pessoas que apoiam imigrantes com necessidades básicas secundárias ao trabalho (moradia, transporte, saúde).

Há uma preocupação também com a antirrede que se apresenta em todos os grupos: existe a rede paga, impedindo, por vezes, a fluidez do fluxo da rede. Há profissionais do direito para organizar a partida, a equivalência de diploma, a compra da casa em Portugal e abertura de contas em banco, caracterizando o que algumas pesquisas caracterizam como negócio da migração (Anderson, 2010). A maioria que chega a Portugal, vem pelas redes, pelo *networking* estabelecido tanto na partida quanto na chegada, virtualmente e presencialmente. Podemos dizer, em conclusão, que todos os grupos mencionados recorrem às redes, tanto formais quanto informais. Obviamente, a depender da renda auferida e da classe social que pertencem, irão dispor de maior quantia monetária para arcar com os custos que a rede formal impõe, tal como quando recorrem à advocacia. Muito comum, por exemplo, é recorrer a tais profissionais para obter a regularização quando já estão em Portugal.

Segunda categoria: classe

Tal como Scherer e Prestes (2019) apontam que o território brasileiro é estruturalmente hierarquizado em classes sociais e imprime barreiras para as classes sociais menos favorecidas, é interessante perceber e apontar que tal estrutura e hierarquia se repete também no país de destino, nesse caso, em Portugal.

Adicionalmente, cerca-se do arcabouço teórico de Souza (2010, 2018) que compreende classe como dinâmica, violenta e que encobre dominação e opressão injusta. Na sociedade brasileira, marcada por injustiça, conservadorismo e desigualdade, urge compreender a dinâmica de classe. Para o autor, é o pertencimento às classes sociais que predetermina todo o acesso privilegiado a bens e recursos escassos que são fulcro da vida da população, 24 horas por dia. Encobrir a existência das classes é encobrir também o mesmo núcleo que permite a reprodução e legitimação de todo tipo de privilégio injusto. As falas de Vilmari (45 anos) e de Mariele (27 anos), respectivamente, ilustram os diferentes estilos de vida e classe social especialmente para o país de destino:

[...] não tem como ganhar somente 3.000 euros para viver aqui. Um aluguel de uma casa boa nunca é menos que dois mil euros. E tem todo um investimento nos filhos, que temos que fazer, escola, inglês, viagens (Vilmari).

Para viver relativamente bem aqui com 730 euros por mês, que é o que cada um de nós, marido e mulher, ganhamos, a gente leva marmitta todos os dias para o trabalho; não temos carro; e alugamos um quarto para morar, em que pagamos 350 euros de aluguel (Mariele).

Organizamos nossos dados a partir de duas classes, em especial seguindo o referencial de Souza (2010): identificamos entre os e as imigrantes a nova classe média (batalhadores e batalhadoras) e a elite brasileira (classe média alta). A reprodução dos privilégios de classe é perceptível no cotidiano português. A partir do seu lugar de qualificação, batalhadores, batalhadoras e *under-employed*, acabam também inserindo-se em um lugar de servidão à classe média alta ou à elite brasileira, sobretudo

em trabalhos que envolvem limpeza, cuidados domésticos e com crianças. Tal é o exemplo de um casal de classe média alta que contrata uma brasileira, qualificada, para a limpeza semanal de seu apartamento. Em Portugal, os serviços de limpeza são contratados e pagos por hora de trabalho, fruto da *gig economy* (Donini et al, 2017; Gandini, 2019). A exploração consiste na contratação de menos horas e mais intensidade no trabalho. A brasileira Ana Maria (31 anos), por exemplo, trabalha em bares da cidade de Lisboa, em alguns como atendente de mesa e outros com a atividade de limpeza. É formada em artes cênicas no Brasil, mas não consegue se inserir no mercado de trabalho de sua profissão. Ela relatou que:

Em alguns bares quando sou chamada para trabalhar fico até às cinco da manhã esperando o dono me pagar, mesmo que o trabalho tenha terminado às duas da manhã. É muito exaustivo, porque no dia seguinte tenho que ir trabalhar na limpeza em outro bar da cidade (Ana Maria).

Em um seminário na CBL, sobre trabalho doméstico brasileiro em Portugal, em janeiro de 2019, houve relatos acerca da relação de afeto entre cuidadoras com as patroas e crianças, como uma forma de substituir a saudade do Brasil. Essa relação, contudo, dificulta a exigência de direitos. A exploração diminui quando tal trabalho é intermediado por uma empresa terceirizada. Há estereótipo em Portugal de que brasileiras têm paciência com crianças e entendem a língua; assim como há estereótipo de que ucranianas são pacientes com idosos. Nesse mesmo seminário, na CBL, houve narrativas que no município de Cascais haveria, inclusive, alguns empreendimentos com elevador de serviço e dependência de empregada, estrutura característica da divisão de classe brasileira e incomum para a cultura portuguesa.

Algumas preocupações cotidianas definem as diferenças de classe, quando o tema é consumo. Para a classe média alta, ou a elite brasileira, as preocupações diárias consistem na equivalência do diploma, agendar as próximas viagens para outros países europeus, o preço do espumante e do vinho e os dias de sol em Lisboa. Para batalhadores e batalhadoras, além da preocupação de equivaler o diploma para fins de melhor inserção laboral, as preocupações são da ordem de conseguir alugar quarto ou apartamento a um valor razoável. Especificamente para as mulheres, escapar do machismo cotidiano e da violência, além de conseguir ingressar no mercado formal de trabalho. A fala de Denise, 30 anos, ilustra as preocupações dos batalhadores:

Todos os dias é uma paulada. Não sinto que seja possível conseguir uma oportunidade na minha área. Não tenho tempo para estudar para ingressar em outras áreas, como TI por exemplo. Esses dias a gente viu um apartamento de dois quartos para alugar, mas além de caro, foi difícil negociar para baixar o valor. Em vários lugares mencionam que nossa documentação está errada [...]. Esses dias estava parada no metrô, esperando a próxima viagem. Um homem veio pedir meu número de telefone e como não dei ele passou a me seguir dentro da estação. Então tem sido muito cansativo e difícil (Denise).

As diferenças nos estilos de vida dizem da alimentação, aluguel, renda no Brasil, viagens e retornos ao Brasil. Enquanto a elite brasileira vai a restaurantes em Lisboa e Cascais, paga mil euros de aluguel em um apartamento de dois quartos, possuem apartamentos alugados no Brasil, realizam viagens na Europa e retornam ao Brasil pelo menos uma vez ao ano; batalhadores e batalhadoras, ou, a classe

média trabalhadora, cozinha sua refeição em casa e leva a sua marmita para o trabalho, pagam 350 euros para morar em um quarto, não tem renda no Brasil, suas viagens se limitam a Portugal e voltam para o Brasil uma vez a cada quatro anos em média. Entretanto, não há queixas: não voltariam para a vida que tinham no Brasil, geralmente de vulnerabilidade, precariedade e insegurança. Cabe destacar que a irregularidade, característica marcante dessa classe trabalhadora, eventualmente, limita ou exclui de alguns serviços públicos, seguridade social e saúde, por exemplo. Diferentemente do grupo 4. Há imigrantes que entram irregulares, mas conseguem a regularização. Cabe salientar que há esforços por parte do governo português e das associações da sociedade civil para que, mesmo enquanto irregulares, imigrantes tenham o acesso a serviços públicos, educação e saúde.

Terceira categoria: gênero

Entende-se gênero como uma categoria social, que trata de construções culturais sobre pretensas diferenças sexuais (Fraga & Rocha-De-Oliveira, 2020). Considera-se que há outros marcadores (dos mais visíveis aos mais invisíveis) que ampliam a possibilidade de exclusão aliada a gênero. Pode-se citar tom de voz, beleza física, altura, cor da pele, maternidade, peso, cabelos. Dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (2019) referem que, entre 2009 e 2019, o percentual de mulheres estrangeiras residentes em Portugal cresceu 34%. Dentre as nacionalidades, as mais recorrentes são do Brasil, Cabo Verde, Ucrânia, Reino Unido e Romênia.

Em termos de violência de gênero, as mulheres imigrantes relatam sobre baixos salários, machismo cotidiano, assédio moral e sexual e corpo visto como objeto. As violências parecem ser agravadas pela nacionalidade, em razão do estereótipo de sensualidade ligado à imagem da brasileira (Fraga et al., 2020; França, 2012; França & Oliveira, 2021; Malheiros & Padilla, 2015). Uma dificuldade comum, especialmente para as mais jovens, é conseguir alugar um quarto. O senhorio – proprietários dos imóveis – antecipam que as brasileiras estão no país para prostituição. Na CBL foi destacado que o sotaque brasileiro já é um impedimento. Nesse ponto é possível inferir que, além de preconceitos e discriminações que se apresentam de forma desigual para mulheres, há outros tantos labirintos que não só impedem avanços, mas também cerceiam a liberdade e a mobilidade (Fraga & Rocha-De-Oliveira, 2020). Para ilustrar, Carolina, 23 anos, conta:

Fui a um café, o que eu vou sempre. Cheguei rindo, brincando. Mas não eram os mesmos atendentes aquele dia. Aí vi que deveria ficar quieta. Um homem mais velho, acho que acima de 60 anos, se ofereceu para pagar meu lanche se eu sentasse com ele. Chorei muito esse dia (Carolina).

A questão de classe também atravessa a categoria gênero (Hirata, 2009, 2018; Fraga & Rocha-De-Oliveira, 2020; Scherer & Prestes, 2019). As mulheres que pertencem ao extrato da elite brasileira vivenciam inserção profissional privilegiada, bem como, inserção afetiva. É o caso de Danúbia, formada em Economia e Artes Cênicas em universidades renomadas de São Paulo. Assim que chegou em Lisboa, conseguiu se inserir na cena teatral e no cinema português. Caso parecido é o de Andrea, 55 anos, aposentada no Brasil, fala francês e inglês fluente, já foi expatriada

(Fraga et al., 2020;) quando trabalhava em multinacionais e tem visto de residente em Portugal. Comentou que conhece muitos desembargadores, juízes e procuradores brasileiros que moram em Portugal e fazem trabalho remoto. Os círculos de amizades dela e do marido são também de brasileiros e brasileiras de classe social privilegiada, tal como ela refere:

[...] meu marido é advogado, então nos inserimos numa rede de moradores advogados em Cascais. Também participamos de uma rede de amigos que são médicos brasileiros e também engenheiros (Andrea).

Mulheres da classe média/alta, em sua maioria, têm cidadania europeia, são brancas, tinham muitos contatos em Portugal precedentes à partida do Brasil, vieram com vistos e mantêm reservas financeiras no Brasil e já conheciam o país antes de imigrar. Com formação superior, todas têm contratos formais de trabalho por tempo indeterminado, o que possibilita reservas para viajar ao Brasil, visitar familiares uma vez por ano ou receber visitas da família em Portugal.

Já as batalhadoras (Souza, 2010) emitem recibos verdes, têm seus trabalhos em tempo parcial (*part-time*) e não tinham redes em Portugal prévias ao movimento de migração. Mantêm dois a três trabalhos para sustento, dividem apartamentos, passaram por mais de um tipo de trabalho até conseguirem chegar ao trabalho que com melhores condições e horários de trabalho, ou seja, mais qualidade de vida. No caso do grupo de batalhadoras é possível perceber a generificação no acesso às oportunidades de trabalho, tal como referem Tulio (28 anos) e Pietra (53 anos), respectivamente:

[...] tive que trabalhar como garçom de noite e de dia trabalhava como professor em uma escola de educação infantil. No fim de semana ainda tirava um dinheiro como serviços gerais em um hotel (Tulio).

[...] vim com pouca reserva, consegui guardar no Brasil só o valor do aluguel para o primeiro mês. Precisava conseguir rapidamente aqui um serviço como cabeleireira. Sorte que uma amiga me apresentou uma amiga dela que tinha um salão e precisava de uma ajudante (Pietra).

Adicionalmente, algumas estudantes com recursos próprios e sem bolsa para cursar mestrado, tornam-se pequenas empreendedoras na área de artesanato, alimentação e turismo (vendas de acarajé, tapioca, açaí) etc.

Com relação aos homens, dos 12 entrevistados, observou-se que a maioria desfruta de privilégios para trabalho e moradia, evidenciados pela maior facilidade para ingressar no mercado de trabalho português e alugar apartamentos. A maioria dos entrevistados, considerados elite, são brancos, heterossexuais, trabalham e têm formação na mesma área que atuam, já conheciam Lisboa e dispunham de reservas financeiras antes de emigrar. Além disso, como as mulheres do mesmo extrato, têm cidadania europeia, têm contratos por tempo indeterminado, dividem apartamento com amigos brasileiros e não encontraram dificuldades para conseguir entrevistas de emprego. Alguns migraram com as esposas, as quais não tinham, necessariamente, trabalho em Portugal, mas buscavam trabalhar para auxiliar no aluguel.

Já para os homens batalhadores, mesmo que a mobilidade seja parte das decisões relativas ao trabalho, as condições de trabalho não são tão favoráveis, diferentemente da classe média e alta. Relatam que tinham relações de trabalho informais no Brasil, passaram por diversos contratos de trabalho em Lisboa, predominando o contrato de trabalho por tempo determinado, recibos verdes e *part-time*. Tiveram dificuldades em comprar a passagem aérea para Lisboa e não trabalham nas suas áreas de formação. Em que pese as diferenças entre homens e mulheres brasileiras, seja no mercado de trabalho, redes de acolhimento ou acesso a moradia, uma reunião na Casa do Brasil de Lisboa se destaca e algumas notas sobre o acontecimento estão no diário de campo:

[...] chama a atenção a diferença até em uma reunião de acolhimento. Enquanto os homens contam sobre suas facilidades de acesso, as mulheres ou ficam quietas ou pronunciam-se com menos vigor que os homens (Diário de campo, observações na CBL, 2020).

Em síntese, os homens brasileiros chegam em posição privilegiada, ainda mais se a cor da pele for branca, com traços germânicos, característica herdada da imigração europeia no Brasil. Como um homem disse em uma das reuniões da CBL: “eles acham que eu sou belga, pelo meu biotipo” (Diário de campo, observações na CBL, 2020). Cabe ressaltar que nesse mesmo dia, havia muitas mulheres, mas a maioria permaneceu em silêncio. Havia muitos homens em situação irregular no país e que se pronunciavam com mais vigor que as mulheres que estavam em situação regular. A naturalização da situação de privilégio dos homens, já enraizada na estrutural social (Fraga & Rocha-de-Oliveira, 2020), parece fazer com que não vislumbrem a realidade da situação de imigração e vulnerabilidade coletiva.

Podemos concluir, portanto, que as diferenças de classe, no caso do grupo entrevistado, se interseccionam com as de gênero (Fraga & Rocha-de-Oliveira, 2020). Importa considerar, igualmente, que a perspectiva interseccional diz respeito a não hierarquização de opressões (Akotirene, 2019). Contudo, algumas particularidades são observadas para os e as participantes: as mulheres de classe alta não dizem sentir os problemas de discriminação, em especial porque a vulnerabilidade social não é um tema que chega a elas. Para dar conta da regularização, por exemplo, conseguem acionar uma rede de escritórios de advocacia. E para dar conta da manutenção da saúde mental, conseguem acionar facilmente profissionais de psicologia e psiquiatria.

Considerações finais

O presente estudo traz como um dos principais resultados a identificação de quatro grupos de trabalhadores brasileiros e brasileiras em Portugal, mapeados com base nos elementos relativos ao tipo de registro de entrada no país, formação e trabalho dos entrevistados:

- Imigrantes, homens e mulheres, qualificados, que atuam na sua área de formação, entre 25 e 30 anos;
- Estudantes e/ou trabalhadores e trabalhadoras com qualificação prévia, mas que passam por desqualificação no destino, ou seja, que não atuam na área de formação;

- Trabalhadores e trabalhadoras que atuam em campos tanto precarizados quanto não precarizados, mas que possuem visto de estudante (graduação, mestrado e doutorado);
- Imigrantes com alta qualificação, que atuam na sua área de formação, com mais de 45 anos.

Como base nas entrevistas, esses quatro grupos desenharam o perfil heterogêneo da quarta onda migratória de brasileiros em Portugal ocorrida entre 2015 e 2020.

As relações de trabalho desses grupos foram analisadas de forma conjunta. Redes, classe e gênero emergiram como categorias que perpassam todos. Nesse sentido, um primeiro ponto necessário é destacar que urge organizar acolhimento na partida e na chegada de imigrantes do Brasil em Portugal. A vulnerabilidade das mulheres, de trabalhadores e trabalhadoras com menor qualificação ou com pouca reserva financeira se evidencia. A solidão faz parte do cotidiano de migrantes, até que se comece a tecer a rede ou fazer parte de redes já consolidadas.

Outro elemento central é compreender que ser imigrante envolve desafios emocionais. Abandonar os vínculos familiares e fraternos para (re)começar uma história de vida em outro país não é, conforme os relatos, situação confortável. É sentir-se no exílio também. Não é preciso somente coragem, mas apoio para lidar com as dificuldades quando se interseccionam gênero e classe. Além das dificuldades de inserção no mercado de trabalho e para a busca de moradia, vários relatos denunciam, sobretudo para mulheres brasileiras, a xenofobia, o assédio moral e sexual cotidiano.

Se no Brasil as brechas para o trabalho intermitente e ocasional estão crescendo, em outros países europeus, intensos em migração, essa é uma realidade já bastante avançada. São precários informais, proletários do mercado de trabalho digital, com tempos de trabalho intensificados: *self-employed*, *co-working*, *freelancers* etc.

Adicionalmente é importante apontar as contribuições e a relevância teórica, social e para a prática organizacional, da administração e áreas afins, que estudam a temática das migrações e das relações de trabalho. Em âmbito teórico, a principal contribuição deste estudo recai na caracterização qualitativa da quarta onda de imigrantes brasileiros em Portugal, ao identificar seu perfil heterogêneo dividido em quatro grupos e ao colocar em pauta as relações de trabalho com foco em redes, classe e gênero, que dizem da vida e trabalho dessas pessoas, em especial considerando países de língua portuguesa como Brasil e Portugal. Tal resultado complementa os esforços de outras autorias que pesquisaram sobre a primeira, segunda e terceira onda de imigração brasileira em Portugal.

Socialmente, pretende-se que a pesquisa possa levar a reflexão, por exemplo, sobre políticas públicas no Brasil e em Portugal, para acolhimento e auxílio na partida e na chegada de imigrantes. Para o campo da gestão, recomenda-se que as organizações portuguesas invistam em práticas de diversidade e interculturalidade para estarem mais bem preparadas para receber trabalhadores de diferentes extratos sociais brasileiros. Tal fato também afeta as decisões de emigrar, uma vez que elas impactam a inserção no país de destino, nesse caso, Portugal. Compreender, também, o modo como se tecem as redes e como nelas se articulam as classes sociais pode

alimentar futuras pesquisas sobre acolhimento e integração, seja da sociedade civil, empresas ou associações de migrantes.

Indicamos como limitação do presente estudo o enviesamento da amostra – justificado pela rede de acessos e indicações realizadas pelo próprio grupo. A participação de imigrantes na pesquisa dependeu da facilidade dos contatos e da disponibilidade a conceder as entrevistas, apresentando, desse modo, uma limitação do uso da técnica bola de neve.

Como propostas de encaminhamento e futuras pesquisas abriu-se a possibilidade de pensar na organização de pessoas em redes multiplicadoras, para receber e acompanhar imigrantes, bem como auxiliar na eventual necessidade de retorno. Igualmente, se observa que os resultados que dizem da análise interseccional e redes podem ser aprofundados, pois se mostraram elementos marcantes nas dinâmicas de vida e trabalho de participantes da pesquisa. Espera-se, igualmente, que a pesquisa possa contribuir para a continuação dos estudos sobre imigração brasileira em Portugal, ao desvelar pistas da caracterização da quarta onda migratória e a relevância de abordagens interseccionais para o campo das migrações.

Referências

- Anderson, B. (2010). Migration, immigration controls and the fashioning of precarious workers. *Work, Employment and Society*, 24(2), 300-317.
- Akotirene, C. (2019). *Interseccionalidade*. Pólen.
- Bardin L. (2010). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Bradby, H., Phillimore, J., Padilla, B., & Brand, T. (2019). Making gendered healthcare work visible: over-looked labor in four diverse European settings. *Social Inclusion*, 7(2), 33-43.
- Candeias, P., Ferreira, B., & Peixoto, J. (2014). Emigração portuguesa: o que temos vindo a estudar e o que nos falta saber: uma análise bibliométrica entre 1980 e 2013. *População e Sociedade*, 22, 11-31.
- Castles, S. (2010). Entendendo a migração global: uma perspectiva desde a transformação social. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 18(35), 11-43.
- Dias, L. C. (2007). Os sentidos da rede: notas para discussão. In L. C. Dias & R. L. L. Silveira (eds.), *Redes, Sociedades e Territórios* (2ª ed., pp 11-28). Edunisc. <http://repositorio.unisc.br:8080/jspui/bitstream/11624/3125/1/Redes%2C%20sociedades%20e%20territ%C3%B3rios.pdf>

- Donini, A., Forlivesi, M., Rota, A., & Tullini, P. (2017). Towards collective protections for crowdworkers: Italy, Spain and France in the EU context. *Transfer: European Review of Labour and Research*, 23(2), 207-223.
- Faist, T. (2014). On the transnational social question: how social inequalities are reproduced in Europe. *Journal of European Social Policy*, 24(3), 207-222.
- Fernandes, D., Peixoto, J., & Oltramari, A. P. (2021). A nova onda da imigração brasileira em Portugal: notas finais. In W. Fusco, L. J. D. Myrrha, & J. C. Jesus. (org.). *Migração, Trabalho e Gênero: Textos Selecionados*. (pp. 63-76). Associação Brasileira de Estudos Populacionais. <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/ebook/issue/view/Issue/47/9>
- Fielding, A. J. (1992). Migration and social mobility: South East England as an escalator region. *Regional Studies*, 26(1), 1-15.
- Fraga, A. M., Antunes, E. D. D., & Rocha-de-Oliveira, S. (2020). O/A profissional: as interfaces de gênero, carreira e expatriação na construção de trajetórias de mulheres expatriadas. *Brazilian Business Review*, 17(2), 193-210.
- Fraga, A. M., & Rocha-de-Oliveira, S. (2020). Mobilidades no labirinto: tensionando as fronteiras nas carreiras de mulheres. *Cadernos Ebape.BR*, 18, 757-769.
- França, T., & Padilla, B. (2018). Imigração brasileira para Portugal: entre o surgimento e a construção midiática de uma nova vaga. *Cadernos de Estudos Sociais*, 33(2), 207-237.
- França, T., & Oliveira, S. P. (2021). Mulheres brasileiras imigrantes como estragaprazeres: revelando racismo no “amigável” Portugal. *Cadernos Pagu*, 63, 1-17.
- Gandini, A. (2019). Labour process theory and the gig economy. *Human Relations*, 72(6), 1.039-1.056.
- Góis, P., Marques, J. C., Padilla, B., & Peixoto, J. (2009). Segunda ou terceira vaga? As características da imigração brasileira recente em Portugal. *Revista Migrações: Número Temático Migrações entre Portugal e América Latina*, 5, 111-133.
- Haas, H., Castles, S., & Miller, M. (2020). *The age of migration: international population movements in the modern world*. Macmillan Press.

- Hirata, H. (2009). A precarização e a divisão internacional e sexual do trabalho. *Sociologias*, 11(21), 24-41.
- Hirata, H. (2020). Comparando relações de cuidado: Brasil, França, Japão. *Estudos Avançados*, 34(98), 25-40.
- Hirata, H. (2018). Gênero, patriarcado, trabalho e classe. *Trabalho Necessário*, 16(29), 14-27.
- Hirata, H. (2016). Subjetividade e sexualidade no trabalho de cuidado. *Cadernos Pagu*, 46, 151-163.
- Iorio, J. & Pereira, S. (2018). Social class inequalities and international student mobility: the case of Brazilian students in the Portuguese higher education system. *Belgeo*, 3, 1-17.
- King, R., & Lulle, A. (2016). *Research on migration: facing realities and maximising opportunities: a policy review*. Publications Office of the European Union. <https://hdl.handle.net/2134/13079600.v1>
- Lencioni, S. (2010). Redes, coesão e fragmentação do território metropolitano. *Scripta Nova*. 14(331).
- Lopes, F. T., & Costa, A. S. M. (2021). Political exile in the post-2019 Brazilian context: history of exile and work-existence/resistance of a Brazilian intellectual. *Cadernos Ebape.Br*, 19(2), 307-324.
- Machado, I. J. R. (2007). Reflexões sobre a imigração brasileira em Portugal. *Nuevo Mundo, Mundos Nuevos*, 7, 10.
- Malheiros, J., & Padilla, B. (2015). Can stigma become a resource? *Identities*, 22(6), 687-705.
- Malheiros, J. (org.). (2007). *Imigração brasileira em Portugal*. Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI).
- Massey, D. S., Arango, J., Hugo, G., Kouaouci, A., Pellegrino, A., & Taylor, J. E. (1998). *Worlds in motion: understanding international migration at the end of the millennium*. Clarendon Press.

- Minayo, M. C. S., Deslandes, S. F., & Gomes, R. (2011). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Editora Vozes.
- Nunan, C., & Peixoto, J. (2012). Crise econômica e retorno dos imigrantes brasileiros em Portugal. *REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 20(38), 233-250. <https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/349/316>
- Oltramari, A., Aerosa, J., Ferraz, D., & Franco, D. (2022). Sociedades do trabalho uberizado: o sonho do migrante permanece um pesadelo. *I Congresso Internacional sobre Migração e Diáspora Acadêmica Brasileira*, Casa do Conhecimento da Universidade do Minho - Biblioteca da Universidade do Minho, Guimarães, Portugal.
- Padilla, Beatriz. (2006a), Brazilian migration to Portugal: social networks and ethnic solidarity. *CIES-ISCTE e-Working Paper*, 12, 1-20. <http://hdl.handle.net/10071/175>
- Padilla, Beatriz. (2006b). Integração dos imigrantes brasileiros recém-chegados na sociedade portuguesa: problemas e possibilidades. In I. J. R. Machado (org.), *Um Mar de Identidades: A Imigração Brasileira em Portugal*. (pp. 19-42). Ed. UFSCar.
- Peixoto, J. (2008). Imigração e mercado de trabalho em Portugal: investigação e tendências recentes. *Revista Migrações: Número Temático Imigração e Mercado de Trabalho*, 2, 19-46. https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/183863/migracoes2_completo.pdf#page=19
- Piore, M. J. (1979). *Birds of passage: migrant labour and industrial societies*. Cambridge University Press.
- Scherer, L. A., & Prestes, V. A. (2019, 2 a 5 de outubro). *Trabalho de imigrantes e refugiados(as) no Brasil: intersecções com gênero e classe*. [Apresentação de trabalho]. 43º Encontro da ANPAD - EnANPAD, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil.
- Scherer, L. A., Prestes, V. A., & Grisci, C. L. I. (2022). (Con)figurar o empreendimento, (con)formar a vida: estratégia de viver a vida em refúgio como empreendedor étnico à luz do trabalho imaterial. *Organizações & Sociedade*, 29(103), 803-830.
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (2021). *Relatório de imigração, fronteiras e asilo 2020*. <https://www.sef.pt/pt/Documents/RIFA2021%20vfin2.pdf>

- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (2020). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2019*. <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2019.pdf>
- Silva, J. C. J., Bógus, L. M. M., & Silva, S. A. G. J. (2017). Os fluxos migratórios mistos e os entraves à proteção aos refugiados. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 34(1), 15-30.
- Souza, J. (2018). *A classe média no espelho: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade*. Estação Brasil.
- Souza, J. (2010). *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* Editora UFMG.
- UN/DESA, United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division (2019a). *International migrant stock 2019: country profile. Brazil*. <https://www.un.org/development/desa/pd/content/international-migrant-stock>
- UN/DESA, United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division (2019b). *International migrant stock 2019: country profile. Portugal*. <https://www.un.org/development/desa/pd/content/international-migrant-stock>
- Organização Internacional para as Migrações (2020). *Glossário sobre migração*. <https://publications.iom.int/system/files/pdf/iml22.pdf>
- Yu, K. H. (2019). Negotiating 'otherness' as skilled migrants. *Journal of Industrial Relations*, 61(2), 198-224.
- Villen, P. (2018). Brasil, país de expulsão? Desemprego e emigração no Brasil. *ComCiência: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico*, Dossiê Emprego e Profissões. <https://www.comciencia.br/brasil-pais-de-expulsao-desemprego-e-emigracao-no-brasil/>
- Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44), 203-220.

Licença

Esta obra está licenciada com uma Licença *Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 4.0 Internacional*.

Contribuição dos autores

Autor 1 trabalhou na coleta de dados e, conjuntamente, com Autor 2, Autor 3, Autor 4 e 5 trabalharam na conceitualização e abordagem teórica-metodológica, na revisão teórica, na discussão e análise dos construtos teóricos adotados, bem como na redação e revisão final do manuscrito.

Declaração do autor

Os autores declaram que este manuscrito é original, não foi publicado antes e não

está sendo considerado para publicação em outros lugares.

Confirmamos que o manuscrito foi lido e aprovado por todos os autores nomeados e que não há outras pessoas que satisfaçam os critérios de autoria, mas não estão listadas. Confirmamos ainda que a ordem dos autores listados no manuscrito foi aprovada por todos nós.

Agradecimentos

À UFRGS e ao SOCIUS/ISEG/Ulisboa.

Conflito de Interesses

O autor/os autores declarou/declararam não haver potenciais conflitos de interesse em relação à pesquisa, autoria e/ou publicação deste artigo.